



Jesus, o Cristo enviado por Deus

Lucas 9:18-22

18 Certo dia, Jesus orava em particular, acompanhado apenas dos discípulos. Ele lhes perguntou: “Quem as multidões dizem que eu sou?”.

19 Os discípulos responderam: “Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros ainda, que é um dos profetas antigos que ressuscitou”.

20 “E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” Pedro respondeu: “O senhor é o Cristo enviado por Deus!”.

21 Jesus advertiu severamente seus discípulos de que não dissessem a ninguém quem ele era.

22 “É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas”, disse. “Ele será rejeitado pelos líderes do povo, pelos principais sacerdotes e pelos mestres da lei. Será morto, mas no terceiro dia ressuscitará.”

1. Quem?

- a) Jesus;
- b) os discípulos (foco em Pedro, que responde representando o grupo);
- c) as multidões (citadas pelos discípulos, que expressam diferentes opiniões sobre Jesus); e
- d) os líderes religiosos (líderes do povo, principais sacerdotes e mestres da lei),
citados por Jesus como aqueles que O rejeitarão.

2. O que?

A partir de sua pergunta aos discípulos (como Ele está sendo identificado pelas multidões e pelos próprios discípulos), Jesus revela, pela primeira vez claramente, seu futuro sofrimento, morte e ressurreição.

3. Quando?

Contexto imediato: Após a multiplicação dos pães (9:10-17) e antes da transfiguração (9:28-36).

Esse episódio ocorreu já depois de um tempo considerável de ministério público, tendo Jesus realizado vários milagres, curas, ensino em parábolas, e outras manifestações públicas importantes. Provavelmente aconteceu entre **1 ano e meio a 2 anos após o início do seu ministério público**

(aproximadamente entre o segundo e terceiro ano). Deste ponto em diante, Jesus começa a preparar mais intensamente os discípulos para a cruz,

afastando-se um pouco das multidões e enfatizando ensinamentos mais profundos, muitas vezes em particular.

Marcos e Mateus usaram o relato da confissão de Pedro como o ponto de virada no ministério de Jesus, após o qual ele começou a ensinar seus discípulos sobre a necessidade de sua morte (cf. Marcos 8:31; Mateus 16:21).

4. Onde?

Conforme Mateus 16:13 e Marcos 8:27, nas proximidades de Cesareia de Filipe, aos pés do Monte Hermon

5. Por quê?

Jesus queria trazer uma compreensão mais profunda e clara sobre sua verdadeira identidade entre os discípulos, para prepara-los para sua morte e ressurreição. Seu objetivo era afasta-los da percepção superficial da multidão e leva-los a um entendimento mais profundo de quem era realmente o Messias.

A LACUNA LUCANA (Marcos 6:45–8:26)

A intenção do evangelista era produzir uma seção unificada girando em torno do tema da identidade de Jesus, iniciada na pergunta de Herodes (9:9) e concluída na resposta de Pedro (9:20). A seção completa se estende do v. 18 ao 36 e é composta de três partes:

- (1) o reconhecimento de Pedro da messianidade de Jesus (vv. 18–20),*
- (2) a predição de Jesus sobre seu sofrimento e morte e as dificuldades de segui-lo (vv. 21–27), e*
- (3) a transfiguração (vv. 28–36).*

Em todas as três partes, aprendemos algo mais sobre quem Jesus é.

Com esse objetivo em mente, Lucas deixa de registrar o que Mateus e Marcos contaram em seus evangelhos:

1. Jesus anda sobre as águas (Mt. 14:22-33; Mc. 6:45-52).
2. Curas na região de Genesaré (Mt. 14:34-36; Mc. 6:53-56).
3. Discussão sobre a tradição e a impureza ritual com os fariseus e escribas (Mt. 15:1-20; Mc. 7:1-23).
4. Cura da filha da mulher siro-fenícia (Mt. 15:21-28; Mc. 7:24-30).
5. Cura de um homem surdo e gago (Mc. 7:31-37).
6. Segunda multiplicação dos pães (Mt. 15:32-39; Mc. 8:1-10).
7. Discussão com os fariseus e o alerta sobre o fermento dos fariseus e de Herodes (Mt. 16:1-12; Mc. 8:11-21).
8. Cura gradual de um cego em Betsaida (Mc. 8:22-26).

MINISTÉRIO É ORAÇÃO

“Jesus orava” → O uso do **particípio presente** (προσευχόμενον) indica claramente que **Jesus estava em oração contínua**, ou seja, não se tratava apenas de uma oração breve e pontual, mas de um momento prolongado, de intensa comunhão. Lucas frequentemente emprega esse tempo e modo para acentuar como a oração constante era fundamental para Jesus, especialmente nos momentos decisivos do seu ministério. Isso não é acidental; é uma ênfase teológica consciente para mostrar que **oração e ministério caminham juntos, sempre**.
A maior dúvida é porque oramos tão pouco?

A PREPARAÇÃO TEÓRICA DO DISCIPULADO

LUCAS TRAZ A PERGUNTA DE JESUS PARA RESPONDER AO QUESTIONAMENTO LEVANTADO POR HERODES

AGRIPA: “Então quem é o homem sobre quem ouço essas histórias?” (v.9)

→Aqui: “Quem as multidões dizem que eu sou?” (v.18)

As respostas são idênticas: “alguns diziam que João Batista havia ressuscitado dos mortos. Outros acreditavam que Jesus era Elias, ou um dos antigos profetas que tinha voltado à vida” (vv. 7,8) e “Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros ainda, que é um dos profetas antigos que ressuscitou” (v.19)

O clímax desta seção está no v.20: “Quem vocês dizem que eu sou?”

No original, o pronome you é muito enfático. Jesus quer que seus discípulos façam uma confissão aberta de sua fé. Isso, por sua vez, o capacitaria a purificar essa fé; isto é, dizer a eles que ele não era o Messias da expectativa popular, mas Aquele que, em harmonia com Isa. 53, etc., sofreria, seria rejeitado, morto até mesmo... e no terceiro dia ressuscitaria.

Jesus já havia sido designado de Cristo (o Messias, o ungido) pelos anjos (2:11), pelo evangelista (2:26), até pelos demônios (4:41) e, indiretamente, pelo próprio Jesus (4:18); mas **essa foi a primeira vez que os discípulos o reconheceram**

como tal. Portanto, isso marca um passo importante no treinamento deles. Pedro e os discípulos tinham testemunhado os milagres de cura de Jesus, seu domínio sobre a natureza, sua ressurreição dos mortos e tinham ouvido seus ensinamentos. **Eles agora reconheciam que Deus havia, de fato, visitado seu povo: O Messias prometido havia chegado.** Aquele que traz o reino de Deus é o Rei, o Filho de Davi, o Ungido (o Messias)!

Contudo, essa revelação não decorreu da mente lógica ou dos sentimentos de Pedro. Jesus afirmou que a compreensão dessa verdade dependeu exclusivamente da vontade do próprio Deus (**Mt 16:17** Jesus disse: “Que grande privilégio você teve, Simão, filho de João! Foi meu Pai no céu quem lhe revelou isso. Nenhum ser humano saberia por si só).

Jo 6:44 Pois ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trazer a mim; e no último dia eu o ressuscitarei... 64 Mas alguns de vocês não creem em mim”. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quem não acreditava nele e quem iria traí-lo. 65 E acrescentou: “Por isso eu disse que ninguém pode vir a mim a menos que o Pai o dê a mim”.

Deus, ele próprio, irá confirmar essa verdade no monte da transfiguração, um pouco adiante, quando falar: “Lc 9:35 Então uma voz que vinha da nuvem disse: “Este é meu Filho, meu Escolhido. Ouçam-no!”.

A ORDEM DO SILÊNCIO

Parece esquisito que, após mandar os discípulos em missão pela Galileia, curando os enfermos, expulsando os demônios e anunciando a chegada do reino de Deus, Jesus agora os advirta severamente que não dissessem às multidões que Ele era o Messias prometido. Porém, Jesus sabia mais do que eles.

Os judeus detestavam seu estado de sujeição aos romanos e ansiavam por libertação. Eles estavam prontos para seguir quase qualquer um que afirmasse ser o Messias e, de fato, houve muitas pequenas revoltas. **Se Jesus tivesse sido amplamente aclamado como Messias, as pessoas teriam entendido isso como uma reivindicação política e militar.** Elas teriam perdido completamente o que ele estava lhes ensinando.

Após a Multiplicação dos pães, o povo deseja tornar Jesus rei (João 6:1-15), mas ele se retira para o monte, para orar, e, depois, vai andando sobre as águas encontrar-se com os discípulos (Jo 6:16-21; Mt 14:22-33; Mc 6:45-52). Após isso é que ocorre a Confissão de Pedro.

Ou seja, a razão da proibição era **a compreensão errada que a multidão e os discípulos também tinham sobre a missão do Messias** (At. 1:6 Então os que estavam com Jesus lhe perguntaram: “Senhor, será esse o momento em que restaurará o reino a Israel?”.). A missão envolvia um aspecto de sofrimento pelo Servo de Deus de Isaías 53. **Não existira trono sem uma cruz!**

Sem cruz não há salvação; sem sofrimento não há redenção; sem morte não há vida eterna.

O sofrimento de Jesus era necessário para:

1. **Satisfação da Justiça Divina** (o pecado humano exige, nevitavelmente, punição)

2. **Substituição Penal** (Cristo em nosso lugar)

John Owen: “Ele suportou os sofrimentos que nós merecíamos, recebendo sobre si mesmo a ira justa de Deus contra o pecado, para que pudéssemos receber sua justiça e misericórdia.”

3. **Redenção e Expição** (Cobrir o pecado): Sem derramamento de sangue não há perdão dos pecados (Hebreus 9:22).

4. **A Reconciliação com Deus:** Por meio do sofrimento vicário de Cristo, a barreira do pecado é destruída, permitindo ao pecador ter comunhão plena com Deus novamente (Rm 5:1 Portanto, uma vez que pela fé fomos declarados justos, **temos paz com Deus por causa daquilo que Jesus Cristo, nosso Senhor, fez por nós**).

5. **Manifestação do Amor e Misericórdia Divina**

Jonathan Edwards: “Na cruz, o amor e a justiça se encontram perfeitamente unidos. Deus não poderia amar pecadores sem satisfazer sua justiça perfeita.”

6. **Derrota definitiva do pecado, da morte e do diabo**

William Perkins: “Cristo, através do seu sofrimento e morte, esmagou a cabeça da serpente e libertou seu povo da escravidão do pecado e de Satanás.”

Assim, Jesus estratégica e enfaticamente proíbe seus discípulos a divulgarem a verdade naquela ocasião

1. Evitar equívocos populares sobre o Messias:

A multidão esperava um Messias político e militar, mas sua verdadeira missão envolvia sacrifício e redenção espiritual.

2. Preparação gradual dos discípulos:

Os discípulos ainda não compreendiam plenamente o verdadeiro significado do messianismo de Jesus, que envolvia sofrimento, morte e ressurreição. Jesus queria ensiná-los gradualmente, preparando-os com clareza antes da divulgação pública.

3. Evitar um conflito antecipado com autoridades judaicas e romanas

4. Controle soberano sobre os tempos e eventos

Quem é Jesus Cristo para você?